

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

JOSIANE DE LIMA COSTA GUARNIERI

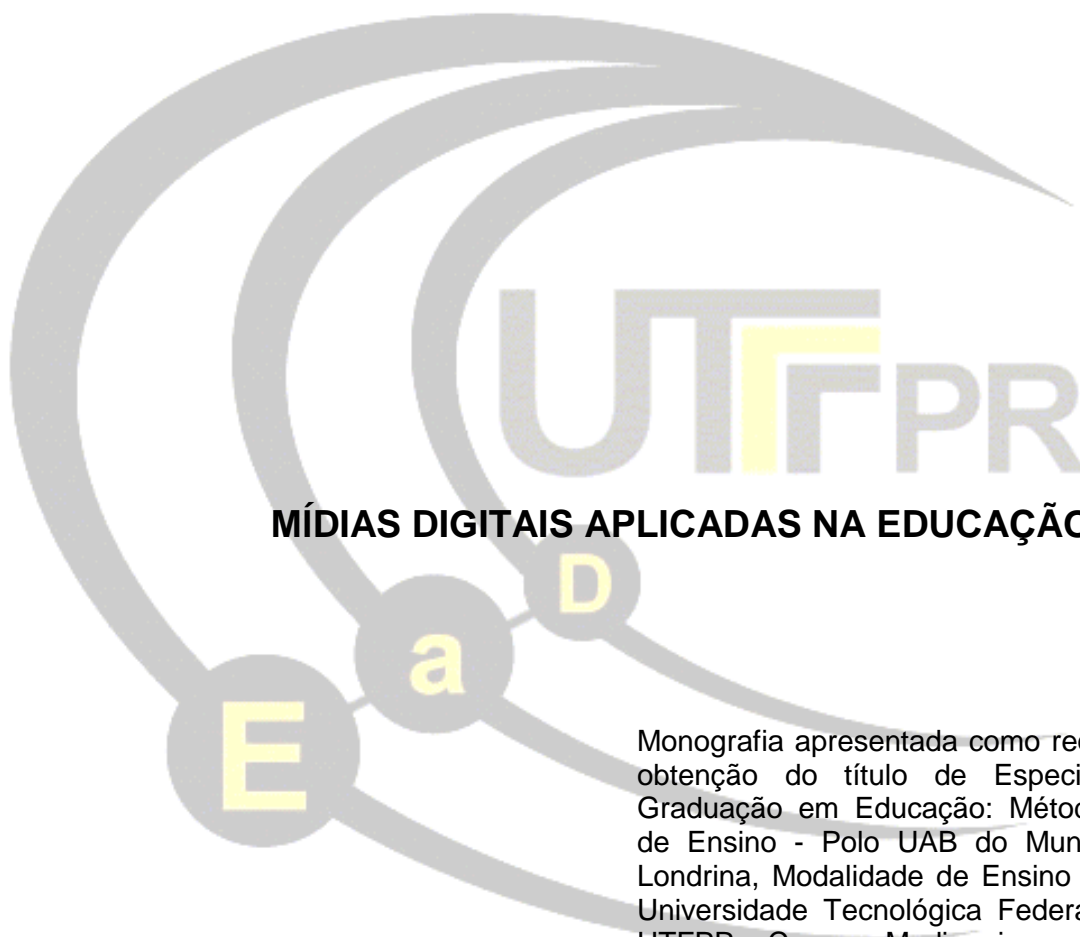
MÍDIAS DIGITAIS APLICADAS NA EDUCAÇÃO

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

JOSIANE DE LIMA COSTA GUARNIERI



MÍDIAS DIGITAIS APLICADAS NA EDUCAÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

Orientador: Ms, Carlos Laércio Wrasse

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

Mídias Digitais Aplicadas a Educação

Por

Josiane de Lima costa Guarnieri

Esta monografia foi apresentada às 19:30 h do dia 11 **de dezembro de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Apto.

Prof. Carlos Laércio Wrasse
UTFPR – Campus Medianeira
(orientador)

Prof. João Enzio Gomes Obana
UTFPR – Campus Medianeira

Prof: Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça Brandão
UTFPR – Campus Medianeira

Dedico a Deus e aos meus queridos filhos

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradecer a Deus pelo dom da vida e por ter me concedido mais essa conquista.

Aos meus familiares, em particular meus filhos; por entender minhas ausências, nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador, Professor Carlos Laércio Wrasse pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores da banca, João Enzio Gomes Obana e Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça Brandão, pelas devolutivas em meu trabalho.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Campus de Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço a todos meus colegas da turma, obrigada por compartilhar momentos de muitas alegrias.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste estudo.

“A escola, em sua singularidade, contém em si a presença da sociedade como um todo”

EDGAR MORIN

RESUMO

GUARNIERI, Joseane Costa de Lima. **MÍDIAS TECNOLÓGICAS APLICADAS NA EDUCAÇÃO**. 2014. 42 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática os desafios contemporâneos apresentam-se de forma não linear, e exige além do conhecimento formal dado pela mediação histórica como também por meio de novas ferramentas que tem sobressaído na sociedade atual dita era digital e que faz do ambiente escolar um lugar não atrativo aos estudantes por não ter seu potencial sendo utilizado com o devido valor. Apesar das inúmeras formas de tecnologias presentes em todos os ambientes escolares ainda está longe de alcançar o seu devido valor no sentido de ampliar os conhecimentos para além do histórico e sim, rumo ao novo a elaboração de novos conceitos. Dessa forma acredita-se que as tecnologias devem promover a educação escolar uma união que consolide a formação do cidadão que domine as novas demandas que se apresentam no atual contexto. Assim, uma pedagogia crítica precisa levar em consideração as novas tecnologias educacionais tendo em vista a formação das habilidades que são inatas dessa geração.

Palavras-chave: Educação Escolar. Habilidades Contemporâneas. Formação Crítica.

ABSTRACT

GUARNIERI, Joseane Costa DE Lima. **MÍDIAS TECNOLÓGICAS APLICADAS NA EDUCAÇÃO**. 2014. 42 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work had as its theme the contemporary challenges we present non-linearly, and requires in addition to the formal knowledge given by the historical mediation but also through new tools that have excelled in today's society dictates digital age and making the school environment a place not attractive to students for not being used to their potential for granted. Despite the numerous ways to present technologies in all school environments is still far from achieving its due value to expand the knowledge beyond the historical and yes, towards the new development of new concepts. Thus it is believed that technologies should promote education a union to consolidate the training of citizens to master the new demands that arise in the current context . Thus, a critical pedagogy needs to take account of new educational technologies with a view to training the skills that are innate in this generation.

Keywords: School Education. Contemporary Skills. Critical Training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	15
3.1 LETRAMENTO DIGITAL NA ÁREA ESCOLAR.	21
3.2 NOVAS MÍDIAS E SUAS MPLICATIONES NA ÁREA ESCOLAR	24
3.3 ELEMENTOS NORTEADORES NECESSÁRIOS PARA QUE AS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS OBTENHAM A INTENCIONALIDADE EDUCACIONAL.	27
3.4 TECNOLOGIAS E NOVAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

Não apenas na comunicação, informação, trabalho, novos modelos de aprendizagens e de ensino, o mundo torna-se pequeno para os avanços tecnológicos. Mas também pela ação docente pautada na sua concepção de ciência, política, cultura e postura ética que entende-se por norte central os elementos sob os quais podem ser delineadas, com êxito ou não, nas práticas interdisciplinares.

Por meio das tecnologias modernas pode-se atribuir uma enormidade de ferramentas e equipamentos que facilitam ao acesso do conhecimento. Assim, pode-se afirmar que essas informações trazem consigo marcas das novas formas de mundo, o que é condizente com o propósito da pesquisa que é um olhar voltado para as novas mídias na educação, ou seja, as ferramentas que estão a serviço desse processo de construção do conhecimento, onde as informações precisam ser processadas.

O objetivo principal da pesquisa é a tentativa de mediar à discussão acerca da temática mídia tecnológica aplicada à educação, levando-se em consideração a formação do professor, especificamente o da educação básica, para a integração das mídias de forma eficiente em sua prática pedagógica.

Observar os elementos de ligação entre as mídias utilizadas em sala de aula e a apropriação desses instrumentos pelos professores como uma ferramenta mediadora de metodologias mais dinâmicas, condizentes com o cotidiano do aluno, que é cercado pelas mesmas.

Nesse sentido, a reflexão acerca da apropriação dessas ferramentas pelos professores de forma a mediar o conhecimento científico, perpassa da informação para o conhecimento formal que é legado da educação escolar.

Para tanto se faz necessário um olhar mais próximo da realidade dos profissionais da educação que por vezes não enxergam nessas ferramentas a potencialidade de se trabalhar habilidades e conceitos na perspectiva de um ensino articulado com uma leitura de mundo contextualizada e crítica, não apenas de forma artificial, sem o devido valor pedagógico que as mesmas apresentam, ou seja, utilizando-as como ferramentas de ensino.

Dessa maneira, a pesquisa visa ainda observar e discutir sobre as práticas pedagógicas aplicadas às novas mídias digitais, relacionando-as ao aprendizado, adaptados aos conteúdos curriculares, em metodologias mais dinâmicas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O modelo de pesquisa adotado foi o estudo bibliográfico. Quanto à natureza do estudo, Gil (2008) salienta que é a pesquisa básica, ou seja, os dados colocados como problemas ou hipótese a priori serão confrontados apenas pela revisão a partir de estudos já publicados. A forma de abordagem é qualitativa, tendo em vista que procura aprofundar a pesquisa à luz dos autores nominados a priori.

Tendo como princípio de que comungamos dos mesmos ideais, pois reivindicam a urgência de uma educação com, para e por meio de mídias na escola, sobretudo quando desenvolvida por meio de uma Pedagogia da Comunicação que, a partir da prática docente mediadora dos professores, seja potencializadora e possibilitadora de uma prática educativa desta natureza.

Soares traz o termo cibercultura e o letramento digital, assim, espera-se que por meio da revisão literária a luz dessa proposta atribuir uma nova forma de entender que as mídias aplicadas na educação vêm de forma a corroborar ao processo, pois se bem usada, torna-se uma ferramenta de investigação, construção, análise, divulgação, produção do conhecimento e, principalmente, como ferramenta, ou suporte ao professor para mediar o conhecimento.

Para sistematizar o estudo o mesmo foi dividido em três partes, levando em consideração debater sobre questões a luz de autores contemporâneos que se apresentam como Zanchetta (2007), Marcuschi (2001), Foucault, (2005) entre outros estudiosos.

Nos primeiros textos as considerações de Morin (2001) e Pereira (2002) que debatem sobre as práticas de letramento digital na área escolar e a formação do professor para o uso de novas tecnologias em sala de aula, a luz da fundamentação de Soares, que debate o termo sobre novas práticas de leitura: letramento na cibercultura, a fim de sustentar o quão as novas mídias são necessárias no currículo escolar, tendo que ser ajustado ao processo de ensino aprendizagem dentro desses novos conceitos de linguagem.

Em sequência, apresentam-se as análises em consideração aos debates bem como, as considerações acerca de nossas reflexões, pois, defende-se que a ação educativa com, e para o uso das mídias tecnológicas na prática educacional depende desse olhar crítico por parte do professor bem como discorrer sobre os

elementos que são necessários para que as ferramentas tecnológicas obtenham a intencionalidade educacional.

Por último o enfoque está na apresentação das possibilidades das tecnologias facilitarão o ensino, mostrando dessa forma, a diversidade de sua potencialidade e os desafios para inesgotáveis atividades de forma a mediar para o entendimento de que as ferramentas tecnológicas aplicadas na escola contribuem como espaço fundamental para o presente estudo trata-se de um artigo de revisão bibliográfica elaborada a partir da análise de referenciais teóricos e de fontes bibliográficas.

E nas considerações finais, apresentam-se as análises em consideração aos debates acerca das reflexões, pois, defende-se que a ação educativa com, e para o uso das mídias tecnológicas na prática educacional depende desse olhar crítico por parte do professor

Tendo como função principal, partir da síntese e da estruturação conceitual, para a ampliação do entendimento sobre o tema. Visando trazer a reflexão acerca da escolha e aplicação das principais tecnologias aos educadores.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Vivenciamos na contemporaneidade intensas mudanças globais e em diferentes esferas, seja no âmbito econômico, cultural e tecnológico ou no educacional. Durante as últimas décadas, a educação brasileira passou por alguns movimentos demarcados por políticas públicas que promoveram a quebra de paradigmas em relação às práticas pedagógicas e trouxeram novas possibilidades para o processo ensino aprendizagem.

No embate, sobre a temática pode-se recorrer a Morin (2001), que nos lembra como todos esses avanços tecnológicos são necessários que sejam desenvolvidas na escola por meio do trabalho pedagógico as habilidades associadas a uma reflexão crítica, proporcionando ao educando uma interpretação muito mais consciente e contextualizada, e, isso requer do educador uma prática que vá além do livro didático, para que esse recurso não seja limitado, e sim significativo.

Ao longo das últimas duas décadas são visíveis as mudanças sobre as novas tendências pedagógicas com origem nos movimentos sociais, filosóficos e antropológicos. Sendo assim, é importante ao professor em formação e ao que se encontra atuando tomar conhecimento dessas novas tendências a fim de construir conscientemente a sua própria trajetória político - pedagógica. Somente a partir deste conhecimento e do autoconhecimento é que os profissionais da educação, no geral, poderão propor e acompanhar mudanças capazes de transformar fazeres e saberes, problematizando-os, inserindo-os no cotidiano e na própria expressão do educar.

Neste contexto, cabe questionar fazendo referência ao primeiro pilar da Educação o Relatório de Delors¹ aprender a conhecer corresponde ao conhecimento do conhecimento, que constitui um dos sete saberes propostos por Morin (2001), como necessários à educação do futuro:

¹O denominado “Relatório Jacques Delors” – RJD – resultou dos trabalhos desenvolvidos, de 1993 a 1996, pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a qual colaboraram educadores do mundo inteiro. Publicado no Brasil sob o título de Educação – um tesouro a descobrir (2000), representa a síntese do pensamento pedagógico oficial da humanidade, neste final de milênio, já que foi formulado e lançado sob a chancela do órgão máximo responsável pelo setor educacional no planeta. Por isso, não há como considerar os “Re-aprenderes Necessários” aos homens e mulheres do século XXI, desconhecendo esse Relatório.

O conhecimento do conhecimento deve aparecer como necessidade primeira, que serviria de preparação para enfrentarmos os riscos permanentes de erro e ilusão, que não cessam de parasitar a mente humana. Trata-se de armar a mente humana no combate vital rumo à lucidez. (MORIN, 2001, p.14).

Acredita-se que essa concepção, não mais condiz com a prática pedagógica, do pensamento prático que a formação do profissional reflexivo exige. Segundo Morin (2001), formar professores capazes de se desenvolver através da sua atuação profissional exige, portanto, compreender o que é cada um desses conceitos assim a tríade que se espera ao mínimo no âmbito da pedagogia, considerada como uma reflexão teórica e um fazer prático, que deve ser tratado os discursos sobre as práticas educativas que ocorrem no processo educacional que levam as tecnologias disponíveis para o desenvolvimento da aprendizagem, dessa forma, pode-se dizer que estamos a caminho de uma possível pedagogia online.

Quando se trata de discursos, toma-se como referência ao sentido dado por Foucault (2005).

Discurso como conjunto de enunciados nos quais os saberes se organizam, em uma determinada época, como episteme. É ela, a episteme, que define em cada cultura as condições e possibilidades de qualquer conhecimento.

Resumindo pode-se dizer que no atual momento as escolas contemporâneas apresentam influencias novamente dessas ações que o contexto cultural e político impõem, ou seja, o desenvolvimento acelerado, informações instantâneas, mundo globalizado, enfim, inúmeras possibilidades que elencam a necessidade de repensar o que a instituição escolar poderá fazer para não deixar de cumprir sua função social?

Tendo em vista o entendimento do termo “letramento digital”, observa-se que é amplo e pode englobar ações simples como decidir fazer um curso a distância via internet ou ler notícias num site, àquelas mais complexas como configurar um computador ou instalar um sistema operacional, o crescimento do uso de vários tipos de ferramentas tecnológicas (computador, internet, cartão magnético) na vida das pessoas fez gerar um novo tipo ou modalidade de letramento, o digital.

Tomamos como apoio Xavier (2004) que exemplifica:

Esse letramento “considera a necessidade dos indivíduos de dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas

com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais.” (XAVIER, 2004, p. 171).

Esse autor ainda afirma que o letramento digital

“implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.”. (XAVIER, 2004, p. 171).

Dessa forma, delimitados os tipos de letramento, passaremos às práticas letradas. Silva (2009), estudando práticas acadêmicas e escolares também no MIE, cita Barton & Hamilton (2000) e Marcuschi (2001) como apoio teórico.

Com este exemplo, ilustrado pelos autores que definem práticas letradas:

como sendo maneiras culturais por meio das quais pessoas usam a língua escrita na sua vida. (...) As práticas são formadas por regras sociais que regulam o uso e a distribuição dos textos, prescrevendo quem pode produzir e ter acesso aos mesmos. Tais regras foram constituídas pelas agências de letramento, logo, cada sujeito demonstra determinadas práticas conforme a agência da qual participa, haja vista que as práticas letradas articulam as atividades de leitura e escrita às estruturas sociais em que elas são embutidas e que ajudam a formar. (XAVIER, 2004, p. 175).

Ser letrado no contexto das tecnologias é dominar as mesmas em diferentes contextos, e isso, demanda tempo, é apresentada assim, como uma das funções necessárias a nova demanda escolar.

Nesse sentido, toma-se como referencia o artigo “Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura” de Soares que relaciona as tecnologias atuais aos novos conceitos de letramento e assim, outro conceito aparece que é o conceito de *cibercultura*².

Para a autora, ser alfabetizado não significa ser letrado, pois o fato de saber ler e escrever (alfabetizado) pode não corresponder à habilidade de saber usar socialmente a leitura e a escrita, praticando-as e respondendo adequadamente às demandas sociais sobre elas (letrado). Da mesma forma, uma pessoa analfabeta

²Segundo Lévy (1999, p. 17), *cibercultura* designa “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Segundo o mesmo autor, *ciberespaço* é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”.

(que não sabe ler e escrever) pode ser de certa forma, letrada ou ter certo nível de letramento ao ter conhecimento das funções da escrita, quando, por exemplo, ao ditar uma carta a outrem, usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da língua escrita.

De acordo com Soares,

letramento implica várias habilidades: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos, para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos: habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (SOARES, 2004, p. 92).

Os processos de leitura e escrita foram debatidos por Kleiman (2005):

“Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Em texto posterior, a autora declara entender letramento “como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita” (idem, 1998, p. 18). Nessa concepção, letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade. (KLEIMAN, 2005, p. 19).

Estudiosos contemporâneos defendem que o letramento são as consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade nesse ideal, pode-se afirmar que:

No contexto de uma diferenciação entre a cultura do papel e a cultura da tela, ou cibercultura, o artigo busca uma melhor compreensão do conceito de letramento, confrontando tecnologias tipográficas e tecnologias digitais de leitura e de escrita, a partir de diferenças relativas ao espaço da escrita e aos mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita; argumenta que cada uma dessas tecnologias tem determinados efeitos sociais, cognitivos e discursivos, resultando em modalidades diferentes de letramento, o que sugere que a palavra seja pluralizada: há *letramentos*, não *letramento*. (KLEIMAN, 2005, p. 65).

Nessa perspectiva, o letramento acontece em meio à leitura e escrita de textos que circulam e tem propósito na sociedade, ou seja, apresentam-se como uma função social.

Nesse sentido, oferecer aos professores uma formação adequada ao uso das mídias em suas práticas pedagógicas é uma questão a ser repensada no cenário educacional brasileiro, visto que são poucas as iniciativas existentes nesta área.

Como observa Zanchetta (2007), no que tange à formação de professores, a preparação para lidar com a mídia é ainda objeto de ensaio. Entre as tendências pedagógicas em evidência nos cursos de licenciatura, não existe espaço definido para lidar com os meios de comunicação.

O autor relata a realidade dos professores graduados, mas quando se trata de professores com a formação do magistério (nível médio) a situação é ainda mais preocupante, onde muitos se querem conhecer ou mal sabem fazer uso dos recursos midiáticos.

Como os professores podem atuar como mediadores da relação de seus alunos com as mídias se estes não estiverem inseridos no processo de inclusão digital?

Neste sentido, reflete Zanchetta (2007) corrobora no sentido de que:

A sugestão de que o professor deve atuar como mediador na alfabetização midiática do aluno parece consensual, mas se sustenta num pressuposto questionável: o docente dominaria os instrumentos e características do universo midiático ou poderia vir a tê-los com seu esforço individual. Além de receber rara orientação no período de formação primeira, sua experiência com a mídia é mais desprezada do que a do aluno, ainda que ela possa ser determinante para a construção do universo representacional, inclusive ligado ao trabalho pedagógico. Muitas vezes os próprios alunos apresentam maiores habilidades e mais intimidade com as mídias do que o professores, demonstrando estarem mais suscetíveis às inovações propostas. (ZANCHETTA, 2007, p. 29).

A necessidade de inserir o professor no processo de transformações perpassa a questão de que as mudanças chegam aos nossos alunos por outras vias, e que os mesmos exigirão de nós (professores) informações mais reflexivas.

É importante atentar-se que: “Talvez sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente nossos alunos já não são os mesmos, “estão em outra” (BABIN, 1989), são outros, têm uma relação diferente com a escola” (BELLONI, 2005, p. 27).

Pensar a formação o professor para mediar à relação mídia-educação vai além de tratar as questões puramente técnicas, uma vez que se devem contemplar as finalidades sociais da escola. Ou seja, o professor ajudaria os seus alunos tanto a filtrarem as informações e assim direcioná-las a novos conceitos?

Em busca dessa discussão que é a formação de professores aqui proposta o norte seria os problemas enfrentados pelos mesmos na tentativa de assegurar o domínio efetivo dos saberes escolares. Nesse sentido, delimitar o que é dificuldade, ou ainda os desafios apresentados cuja superação possibilita o crescimento não apenas do professor na medida em que revela suas próprias dificuldades, seja em

relação ao conteúdo escolar, seja em relação aos procedimentos de ensino, mas também em sua evolução enquanto profissional qualificado tecnologicamente.

Como explica Vieira Pinto (1982):

O caminho que o professor escolheu para aprender foi ensinar. No ato do ensino ele se defronta com as verdadeiras dificuldades, obstáculos reais, concretos, que precisa superar. Nessa situação ele aprende. (...) A educação implica uma modificação de personalidade e é por isso que é difícil de aprender, porque ela modifica a personalidade do educador ao mesmo tempo em que vai modificando a do aluno. Desse modo, a educação é eminentemente ameaçadora. Ela consiste em abalar a segurança, a firmeza do professor, sua consciência professoral (que teme perder o estabelecido, que é o seu forte no plano da prática empírica) para se flexionar de acordo com as circunstâncias. A resistência do aluno ao aprendizado é um fator de modificação da consciência do educador, e não uma obstinação, uma incompetência. (VIEIRA PINTO, 1982, p. 21-22).

Ressalta-se que é por meio dessa formação constante é que ocorre a consciência reflexiva. Ou seja, para o domínio desse processo é o entendimento de que é preciso estar sempre em busca de novos conhecimentos

Com isso, percebem-se mais claramente as possibilidades e os obstáculos de seu processo de aprendizagem e, portanto, a necessidade de estar constantemente revendo e aperfeiçoando sua forma de aprender. Com isso espera-se que cada professor busque se tornar efetivamente o sujeito principal de sua formação.

Como explica Saviani (2009),

(...) a prática social referida no ponto de partida (primeiro passo) e no ponto de chegada (quinto passo) é e não é a mesma. É a mesma no sentido de que a transformação das formas de pensar e agir em face dos conteúdos escolares (a partir de sua apropriação em atividades universalizantes, conscientes e livres) não significa uma transformação das condições sociais objetivas da escola e muito menos da sociedade como um todo. Essa transformação precisa se dar em todas as instâncias da prática social, especialmente no âmbito da produção da existência material. Ao mesmo tempo, a prática social já não é a mesma uma vez que professor e alunos transformaram-se nesse processo, o que se reflete nas outras instâncias da sociedade. (SAVIANI 2009, p. 76).

Vale frisar que esses aspectos (conhecimentos, habilidades e valores) não estão desvinculados. Por exemplo, as habilidades podem ser formadas através da própria assimilação de informações dependendo da maneira como essa assimilação é feita.

Nesse mesmo processo, pelas relações que o professor estabelece com os conteúdos escolares e com as teorias educacionais, mediado pela sua relação com os colegas, com a direção e o sistema escolar, bem como com a sociedade como um todo, é que se mudam e se consolidam valores e sentimentos que vão ajudar a

orientar suas ações no cotidiano da sala de aula e, até mesmo, em outras situações da prática escolar e da prática social mais ampla.

A educação é um processo fundamental para o homem porque, ao contrário dos outros animais, o indivíduo humano não recebe na sua herança genética toda a herança acumulada pelas gerações anteriores no seu processo de ação sobre a realidade. Ela se dá ao longo de sua existência, assim, nunca deixa de aprender.

Sendo assim, aquilo que caracteriza, de fato, um indivíduo humano, do ponto de vista histórico e social, é o seu ser genérico, ou seja, a herança cultural da humanidade, da qual esse indivíduo vai se apropriando ao longo de sua existência e que contribui para expandir. Além de conviver com as diferentes formas de aprendizagens, o diálogo nesse contexto é entender que aprendizagens se estabelecem aos pares.

3.1 LETRAMENTO DIGITAL NA ÁREA ESCOLAR

Para que os professores façam a mediação do uso de novas tecnologias em sala de aula, o aporte teórico para a discussão encontra em Amorim e Pereira, as orientações acerca dessa mediação.

No entendimento desse texto, é necessário situar a sociedade atual, quem é o sujeito? O que esse sujeito espera da escola? E o que a sociedade atual demanda desse sujeito?

Ora, o indivíduo dessa nova sociedade, segundo os autores, tem necessidades distintas, que emergem das exigências geradas por essas novas condições de produzir e distribuir conhecimentos. Como exemplo é citado o termo cibercultura, ou seja, é preciso que a escola enquanto uma das instituições de ensino formal pense em um currículo que inclua as novas práticas de escrita e de leitura que as tecnologias apresentam, segundo o autor, não se pode deixar de reconhecer o quanto as práticas pedagógicas encontram-se distantes dessa realidade cultural.

Nesse contexto, pode-se observar que ao colocar em disposição do processo ensino aprendizagem, as novas mídias só vem a confirmar a realidade que se apresenta na contemporaneidade.

No mesmo artigo, observam-se ressalvas em relação ao uso consciente dessas ferramentas pelos professores. Segundo os autores, ainda falta o

embasamento teórico na construção de uma prática pedagógica condizente com a educação formal.

Entende-se que utilizar a tecnologia de forma útil, significa usar os recursos tecnológicos de forma didática a fim de tornar a aula mais atrativa e dinâmica para o aluno.

Para Soares (2006), o conceito de letramento ultrapassa o ato de ler e escreve,

O sujeito precisa fazer uso dessas práticas. Mas de que forma? Ao entrar no universo do letramento, é necessário apropriar-se do hábito de buscar uma revista para ler, de frequentar livrarias, revistarias e/ou bibliotecas. Esse convívio efetivo com a leitura propicia um envolvimento do sujeito com o sistema de escrita. (SOARES, 2006, P. 81).

Nesse sentido, a prática que a autora ressalta quanto ao letramento digital é a possibilidade de seu uso por meio das mídias interativas, como o computador ligado a Internet. Nessa concepção:

Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura apresenta uma nova visão no conceito de letramento, bem como a confrontação de tecnologias digitais de leitura e de escrita com tecnologias tipográficas, salientando que cada uma tem seu espaço e um efeito na sociedade, resultando em conceitos diferentes de letramento.

Ainda nesse mesmo consenso, a autora complementa que há modalidades diferentes de letramento o que sugere que a palavra seja pluralizada: há letramentos,³e não letramento, isto é, “diferentes espaços de escritas e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos.” (SOARES, 2006, p.156).

É nesse sentido, que se faz necessário um olhar crítico acerca dessas ferramentas, que não estão estabelecendo a relação positiva que deveriam apresentar no processo ensino aprendizagem no ambiente escolar.

A busca por essa positividade é ter no letramento midiático o entendimento de que o mesmo altera as relações do processo, bem como requer do professor a mesma mudança.

Nessa linha de pensamento, Levy (1999, p.17), sugere que “a cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas de atitudes de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do

³ Podemos citar como exemplo, letramento crítico, lexicográfico, digital, entre outros

ciberespaço”. Não pode deixar de refletir sobre esse momento que até há pouco tempo dizia-se futuro, e, agora onde está o futuro? Está aqui agora, o futuro é esse o momento atual.

Na atual conjuntura, se faz pertinente as orientações de Lévy (1999), que orienta no sentido de que:

A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais. Em resumo, o programa da cibercultura é o universal sem totalidade. (LÉVY, 1999, p.132).

Nesse entendimento, pode-se observar que o uso das mídias na educação, ou melhor, no processo de ensino aprendizagem como um facilitador, ainda há muito que aprender.

Ao ter na atualidade toda a tecnologia disponível, seria até incoerente a Educação não atribuir seu uso de forma sistemática, visto que é uma das formas de se ter nas mesmas uma forma de interação, dinâmica e atual. A cibercultura se faz presente, nesse sentido:

A cibercultura mantém a universalidade ao mesmo tempo em que dissolve a totalidade. Corresponde ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica, pelo adensamento das redes de comunicação e de transporte, tende a formar uma única comunidade mundial, ainda que essa comunidade seja - e quanto! - desigual e conflitante. Única em seu gênero no reino animal, a humanidade reúne toda sua espécie em uma única sociedade. Mas, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, a unidade do sentido se quebra, talvez porque ela comece a se realizar na prática, pelo contato e a interação efetiva. Conectadas ao universo, as comunidades virtuais constroem e dissolvem constantemente suas micrototalidades dinâmicas, emergente, imersas, derivando entre as correntes turbilhonantes do novo dilúvio. (LÉVY, 1999, p.249).

Tendo essa dinâmica, voltada para prática escolar, o professor com certeza terá a possibilidade de aproximar-se de um ideal de formação que demanda a atualidade, que é a do letramento não só na leitura e escrita, mas letrado digitalmente, que alguns estudiosos denominam de letramento digital.

3.2 NOVAS MÍDIAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA ÁREA ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Nos últimos tempos passou-se a investir em tecnologias nas escolas públicas, TVs *pendrive*, salas de informática com internet, projetor multimídia, etc. No entanto, os mesmos não garantem um bom ensino, pois, necessitam de planejamento reflexivo. A busca por aprimoramento, fez com que muitos professores esqueçam que acima de tudo é preciso o domínio do conteúdo, as tecnologias por si só, não garantem a aprendizagem.

Através desta disciplina observamos que a televisão continua sendo a principal fonte de entretenimento das crianças. Acrescentando a isso o universo da criança é cheio de fantasias. O segmento infantil é atrativo para a publicidade também pelo fato de que 80% das crianças detêm o poder de compra dentro de suas casas. (Fonte: IBGE, 2000 p. 36).

As crianças interpretam, atribuem significados e filtram o que circula pela mídia e, assim, inovam a partir de suas experiências e vivências reais e virtuais. No caso da televisão parte-se do pressuposto de que as crianças não recebam passivamente aquilo que esse aparato veicula.

Ramos (2002) avalia que “as crianças assistem à televisão, e dominam com maestria o controle do aparelho, e consomem com interesse programas não apenas destinados a elas, mas também aqueles dirigidos aos adultos”. Isso ocasiona reflexão, e não se pode pensar em uma educação por traz disso tudo.

Sabe-se que na atualidade, o uso das tecnologias, torna-se fundamental, pois são à base de serviços dos quais utilizamos em nosso cotidiano e todos dependem da tecnologia. E, diante disso, não poderia ser diferente na educação. O estudante hoje está cada vez mais ligado em tecnologias e em sua utilização e os professores precisam acompanhar este movimento.

Levando em consideração os debates atuais observa-se que as mídias são usadas além do simples entretenimento, como exemplo relata-se a propaganda sobre as *Monster High*, por conta da febre que se tornou entre as meninas com a vinculação da imagem as estratégias do mercado publicitário de uma enormidade de produtos, tais como: cadernos, mochilas, roupas, figuras, álbuns, calçados, enfim, uma variedade de produtos que visa o público infantil por meio do poder do

convencimento de que o produto melhor e da moda é aquele que tem à imagem desse desenho.

Vale ressaltar, como Toschi (2002) alerta, que:

[...] mídia não se confunde com recurso, com equipamento, por mais sofisticado e atual que seja, mas refere-se a meio tecnológico portador de conteúdos e, portanto, de sistemas simbólicos. Por se caracterizar como tecnologia e conteúdos, as mídias adquirem valor formativo, educativo. As mídias são criaturas culturais e criam cultura. Mídias são tecnologias, mas são também meio de divulgação de conteúdos, são, enfim, tecnologias midiáticas. (TOSCHI, 2002, p. 267-268).

Diante da contemporaneidade torna-se emergente o uso dessas tecnologias na educação. Entendemos que uma proposta pedagógica eficiente para a utilização dessas tecnologias na escola, é a que busca a reflexão sobre o planejamento adequado quanto o uso dos mesmos, ou seja, para que o resultado final seja a ampliação do conhecimento, e não uma apenas uma gama de informações.

É preciso que o mesmo estabeleça uma situação de comunicação dialógica entre os conteúdos estudados e o que se quer ensinar. E para que de fato tornem-se essa ferramenta é importante que o trabalho pedagógico seja sistemático, reflexivo e conduzido sempre por meio do educador.

Com o desenvolvimento dos meios tecnológicos e sua consequente inovação das inúmeras práticas é importante aproximar desse contexto, conhecendo assim suas necessidades, expectativas, ideias e conceitos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a tecnologias tornaram-se importantes instrumentos para o ensino escolar e conseqüentemente ao processo do ensino aprendizagem, assim, por meio da prática pedagógica atrelada ao espaço escolar consciente, torna-se uma ferramenta que permitem múltiplas experiências, que podem ser vivenciadas de modo que facilitem e contribuam a obtenção do conhecimento científico.

Conhecimento hoje que se pode receber não apenas da instituição escolar e sim, dos mais variados canais de comunicação que permeiam essa era digital. Fator que se observa grandes mudanças e coloca todo o saber institucionalizado em risco.

Observa-se que a utilização das mesmas na educação escolar também ocasionou mudanças na forma de ensinar bem como de aprender. Para ilustrar melhor esse fato, Jacinski e Faraco, ao comentarem especificamente acerca das tecnologias audiovisuais, relatam que:

As próprias tecnologias audiovisuais incorporam-se de tal modo nas relações sociais e na subjetividade que não podem ser encaradas como meras ferramentas, mas como novas linguagens ou novos modos de significar o mundo. (JACINSKI & Faraco, 2002, p. 49).

Nesse entendimento, cabe a instituição escolar promover práticas pedagógicas que utilizem as novas tecnologias nas atividades escolares e articulando as várias formas de linguagens com todas as áreas de conhecimento para, assim, dar a oportunidade ao aluno de uma aprendizagem mais situada em seu tempo.

Em relação à mídia e aprendizagem, Schläbitz (1996) afirma que:

hoje é mais importante saber compreender e manejar do que acumular conhecimento. Isso equivale a educar a sensibilidade para a diferenciação, ou seja, para a percepção individual. Não pode ser propósito substituir a pedagogia musical por entretenimento, de impor o gosto do educador à criança, mas sim entreter com fantasia e humor, a ponto de satisfazer a necessidade a qual elas têm direito; satisfazer na criança a necessidade de empolgação e relaxamento. (SCHLÄBITZ, 1996, p. 286).

A criança por meio da imaginação e da fantasia, onde o lúdico se faz presente, constrói conhecimentos e refaz a história. Este processo também é desencadeado pelo uso do computador e de diferentes mídias que aparecem no cotidiano infantil para serem usados, brincados e jogados.

O uso pedagógico nesse contexto pode contribuir para a construção de identidades e produção de cultura midiática, ampliando espaços de relações, de forma de expressão, de comunicação e de experiências

Por isso, acreditar como escreve Morduchowicz (2001), que a escola deveria propor:

Uma educação em meios não buscam transformar o capital ou os consumos culturais dos alunos, mas explorar a relação que os meninos estabelecem com o mundo (Escolar e não Escolar) e ensinar a desnaturalizar as representações que o constroem, cuja compreensão afetará certamente a percepção que tem do universo, sua observação sobre a realidade e sua atitude ante o conhecimento. (MORDUCHOWICZ, 2001, p. 94-95).

As tecnologias promovem um diálogo permanente entre a criança e o mundo. As linguagens midiáticas no universo infantil são recursos que possibilitam a todos os envolvidos na ação pedagógica a inclusão digital e a exploração de outras formas de ler, codificar, brincar, escrever, pesquisar, descobrir, interagir, publicar e se comunicar, bem como possibilitam às crianças condições cada vez mais inovadoras

e atuais de aprendizagens, respeitando-as como sujeitos sociais e de direitos, capazes de pensar e agir de modo criativo, participativo e crítico.

Os recursos midiáticos aliados a intervenção do professor pode proporcionar avanços e resultados satisfatórios à prática pedagógica proporcionando ao aluno, possibilidades diversificadas de visualizar um determinado conteúdo, desenvolver atividades, além de motivá-los despertando o seu interesse e vontade para realizá-las.

3.3 ELEMENTOS NORTEADORES NECESSÁRIOS PARA QUE AS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS OBTENHAM A INTENCIONALIDADE EDUCACIONAL.

Nesta perspectiva, por aceitar essa premissa, que é uma forma de transposição didática, acredita-se que nessa linha encontra-se um dos pressupostos da função social escolar, que é o da formação do cidadão para a vida, para sua atuação, sua emancipação, diante dessa perspectiva, complementa-se com a contribuição de Libâneo (1994), onde o embasamento teórico desse referencial se justifica:

A Pedagogia Progressista Crítico- Social dos Conteúdos, foi considerada como sinônimo de pedagogia dialética, no sentido da “dialógica”. Esta tendência prioriza o domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudo, habilidades e hábitos de raciocínio científico, como modo de formar a consciência crítica face à realidade social, instrumentalizando o homem como sujeito da história, apto a transformar a sociedade e a si próprio. (LIBÂNEO, 1994, p.69).

Os passos da evolução da pedagogia, tendo como base o contexto histórico pedagógico, numa tentativa de entender, como se movem na atualidade, diante de tantos desafios e incertezas o processo educacional não pode perder seu valor, sua função social, assim, entende-se das necessidades de uma nova forma de educação onde a apropriação do conhecimento seja útil ao aluno, e dessa forma o processo educativo exige da sociedade uma nova concepção de valores.

Para tanto se faz necessário um conhecimento mais aprofundado da comunidade local, caracterizando com presteza o sujeito que ensina e que aprende, pois só assim serão identificadas com clareza as limitações e as possibilidades, para que possam desenvolver ações condizentes com a realidade.

Todo cidadão independente de sua cor, etnia ou classe social tem direito de receber uma educação de qualidade, pois isso se constitui numa importante dimensão da própria cidadania. O exercício da mesma e o compromisso com a sociedade moderna exigem que a verdadeiramente que a escola reveja seus métodos pedagógicos frente ao aluno e sua aprendizagem, contribuindo para a socialização e conhecimento, não como um privilégio de poucos, mas sim como um direito inalienável de todos.

Este compromisso nos leva a repensar a escola na sua totalidade, buscando a melhoria da qualidade do ensino público. E conseqüentemente a formação do professor para atuar nessa mediação é necessária ter essa criticidade, pois o mesmo, também é produto dessa mesma sociedade.

Segundo Saviani (2009), a necessidade de refletir filosoficamente evidencia-se quando o ser humano se encontra diante de uma situação problemática:

Com efeito, todos e cada um de nós nos descobrimos existindo no mundo (existência que é agir, sentir, pensar). Tal existência transcorre naturalmente, espontaneamente, até que algo interrompe o seu curso, interfere no processo alterando a sua seqüência natural. Aí, então, o homem é levado, é obrigado mesmo, a se deter e examinar, procurar descobrir o que é esse algo. E é a partir desse momento que ele começa a filosofar. O ponto de partida da filosofia é, pois, esse algo a que damos o nome de problema. (SAVIANI, 2009, p.17).

Nesta perspectiva, a busca por políticas educacionais que visem avançar nas práticas pedagógicas, torna - se imprescindível, e desse modo possa buscar soluções que oportunizem práticas dinâmicas de ensino e com isso diminuam o índice de fracasso escolar.

Parece pertinente destacar a proposta de Saviani:

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (SAVIANI, 2009, p.62).

Ainda nesse sentido o autor resume que a pedagogia revolucionária “não é outra coisa senão aquela pedagogia empenhada decididamente em colocar a educação a serviço da referida transformação das relações de produção.” (p.68).

Dessa forma, a superação das práticas tradicionais depende, fundamentalmente, da ruptura entre o conhecimento cotidiano e o científico apropriado pelo aluno, do comprometimento político, do domínio do conhecimento científico-filosófico, dos programas de capacitação docente, das condições de trabalho do professor como intermediador da aprendizagem e do encaminhamento metodológico na formação de novos conceitos e de um assessoramento pedagógico direcionado à problematização destes conceitos, como aponta o presente documento.

Por outro lado, a escola compromissada em envolver os alunos e leva - los a compreender o processo de construção do saber, deve se adaptar aos desafios que surgem como uma das exigências do mundo contemporâneo.

Não se pode mais conviver com os altos índices de evasão escolar e reprovação, ou o “analfabetismo funcional”, como se fossem fatos “naturais”, é necessário que o professores revejam sua prática pedagógica ou entendam que, segundo Gasparin, 2002, p.52, “a aprendizagem somente é significativa a partir do momento em que os educandos [...] apropriam- se do objeto do conhecimento em suas múltiplas determinações” e isso só acontece numa relação triádica, ocorrida entre alunos, professores e conteúdos.

Educar, portanto, é também inserir o educando na ordem social, que é estabelecida entre os homens, e que serve na maioria das vezes, para promover a desigualdade, e não a igualdade benéfica e evolutiva que deveria promover.

Na concepção progressista da educação, o conhecimento é ato construtivo e o ato educativo é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.

Uma pedagogia concebida nesta visão de mundo deverá superar, necessariamente, a pedagogia convencional e a pedagogia da repetição, que fazem parte do modelo social liberal.

A partir dessa superação, pode- se construir uma pedagogia mais crítica e uma didática continuamente renovada, na medida em que o indivíduo e o meio social transformam- se por sua mútua determinação e pelas construções do sujeito. Sabe - se que a escola é, ao mesmo tempo, espaço de reprodução e de contradição. Como espaço de reprodução norteia uma determinada concepção de

mundo que são pré - estabelecidos pelo currículo oficial e sistematizados ideologicamente por um corpo docente superior e órgãos educacionais onde se constrói valores que são repassados como verdades absolutas. Como espaço de contradições, esses valores podem ser questionados, na medida em que, pautados na prática social, que é contraditória, forem trabalhados numa outra perspectiva: a da transformação social.

Nesse ponto, acredita-se nos princípios freirianos de uma pedagogia da autonomia (FREIRE, 1997). Assim, a rede se constitui, por excelência, como a possibilidade de estruturar a formação de uma cultura (cibercultura) no ciberespaço, ampliando, assim, as funções cognitivas humanas: a memória (Banco de Dados), hipertextos, telepresença, realidades virtuais e o raciocínio da inteligência artificial.

Nessa linha de raciocínio, Lunenfeld, 1999, p. 130, orienta que “importa saber qual é a postura diante da questão: manutenção ou transformação do ser, o aluno, em formação?”

Nesse sentido, os princípios didáticos - pedagógicos da escola devem não só apontar para as práticas reais, como também criar as condições para que esta nova prática se efetive.

Segundo Lunenfeld, (1999), considerando a Educação como compromisso político do poder público para com a população, com vistas à formação do cidadão participativo para um determinado tipo de sociedade, “a Educação Básica deve estar alicerçada nas múltiplas necessidades humanas que é transferir o plano de ação para o plano de linguagem”. No raciocínio do autor, “Trata - se de um processo articulado nas relações sociais, culturais e educacionais, como um todo”. (Lunenfeld, (1999. p. 131).

Para tanto é importante estabelecer a concepção de mundo que a escola tem em entendimento de que pertencemos a um determinado grupo, onde existe uma diversidade de pensar e agir, tendo simultaneamente uma multiplicidade de homens-massa, que vem trazendo conhecimentos históricos que circulam em forma informação, para que o homem possa transformar-se num agente da sua realidade histórica, na qual ele se humaniza, luta pela sua liberdade, pela classe opressora, pela exploração e finalmente pelas injustiças sociais e por fim se emancipa.

Bem como a concepção de cultura que no entendimento geral cultura é um elemento social, impossível de se desenvolver individualmente é considerada como

tudo que o homem através da sua inteligência consegue realizar, tais como: artes, ciências, costumes, sistemas, leis, religião, crenças, entre outras.

Castells (2000) pondera que a educação não pode perder seu espaço para as redes sociais e os sites de “informação” muitas vezes deturpados por falta de fontes seguras ou procedência duvidosa. É o dever, o papel de a escola orientar a aprendizagem de seus alunos para que estas informações sejam adquiridas no âmbito do conhecimento crítico.

Deve-se parar de achar correta a pedagogia do aprender a aprender e dar mais valor a pedagogia histórico crítica, com ênfase nas ciências, nas artes e na filosofia para que tenhamos uma efetiva formação cidadã. Nada disso será possível se o educador continuar alheio aos acontecimentos e transformações tecnológicas presentes em nosso cotidiano. A inserção de novos recursos tecnológicos na escola (Tecnologia Educacional) encurta as distâncias, promove novos agenciamentos, aproxima dentro do mesmo currículo as esferas político-administrativas, aproximando as salas de aula numa atividade de interação com vistas tanto à apropriação do conhecimento quanto à criação de novos saberes tanto para os alunos como para os professores. (CASTELLS, 2000, p. 362-367).

Assim, não menos importante ter claro a concepção de currículo que no Estado do Paraná é tido como uma atual abordagem curricular apresentada pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica, (DCE, Estado do Paraná, 2008), busca ir ao encontro das necessidades da escola pública e não do mercado de trabalho e atribui a ela o elemento que lhe é imprescindível: o conteúdo, possibilitando-lhe o acesso ao conhecimento de forma organizada e sistematizada a partir do currículo disciplinar que procura garantir a especificidade do conhecimento, a partir de cada disciplina, com o cuidado em trabalhar em suas múltiplas determinações e relações que são históricas, sociais, culturais e políticas.

A cibercultura, tanto quanto quais quer outros tipos de cultura, são criaturas humanas. Não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano. Nós somos essas culturas. Elas moldam nossa sensibilidade e nossa mente, muito especialmente as tecnologias digitais, computacionais, que são tecnologias da inteligência, conforme foi muito bem desenvolvido por Lévy, (1999, p. 62).

O currículo da Educação Básica deve oferecer, ao estudante, a formação necessária para o desenvolvimento cultural, social e intelectual tornando um cidadão crítico reflexivo frente aos desafios encontrados na transformação da realidade social, econômica e política de seu tempo.

Neste contexto as disciplinas escolares que integram o Currículo da Instituição apresentam-se na Base Nacional.

O mundo atual requer da educação um novo olhar sobre os fatos e sobre a história nos indicam que as questões sociais, econômicas, raciais, ambientais, não podem ficar de fora do contexto escolar, devendo fazer parte do conteúdo e da proposta pedagógica curricular. A isso denomina-se diálogo interdisciplinar.

Por último, a necessidade que se compreenda a interdisciplinaridade na educação não pode ser construída a partir de premissas que percam de vista a totalidade das questões que ela tem a enfrentar. Portanto é preciso que:

O caráter de ruptura no que a interdisciplinaridade é chamada a responder, ou seja, a fragmentação do saber, instituída pela ciência moderna sob a égide do capital, do mundo do trabalho e da cultura, e transmitida pela prática educativa. A transmissão da fragmentação do saber na prática educativa reflete e ao mesmo tempo responde aos processos conflituosos e contraditórios do mundo do trabalho e da própria produção do conhecimento científico que *com o advento da ciência moderna, passou por um profundo processo de esfacelamento em função da multiplicação crescente das ciências, cujo desenvolvimento se fez à custa da especialização.* (JAPIASSU, 1976, p.78).

Ainda sobre interdisciplinaridade e currículo, lembremos que:

Visando ao menor isolamento possível entre as disciplinas, a idéia do Currículo Integrado aproxima-se das concepções de Bernstein (1996), denominadas pelo autor de Classificação (quanto maior o isolamento entre o conhecimento organizado em Disciplinas, maior será o grau de classificação). Para o autor, as questões mais relevantes no campo do currículo são as que abordam as relações estruturais entre os diferentes tipos de conhecimento que o constituem. Em Berstein, o Currículo Integrado tem como característica o fato de que as áreas de conhecimento não estão isoladas, possibilitando, por exemplo, que o mesmo conceito possa ser trabalhado por áreas diversas, favorecendo aspectos da interdisciplinaridade (PEREIRA, 2002, p. 64).

De fato, como afirma Hayles (1996, p. 259, 270), a informação se tornou a grande palavra de ordem, circulando como moeda corrente. Genética, assuntos de guerra, entretenimento, comunicações, produção de grãos e cifras do mercado financeiro estão entre os setores da sociedade que passam por uma revolução provocada pela entrada no paradigma informacional. Uma diferença significativa entre informação e bens duráveis está na replicabilidade. Informação não é uma quantidade conservada. Se eu lhe dou informação, você a tem e eu também. Passa-se aí da posse para o acesso. Este difere da posse porque o acesso vasculha padrões em lugar de presenças.

3.4 TECNOLOGIAS E NOVAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

No contexto educacional Florestan 2010, p. 35-64, em seu artigo. “*Educação: objeto sociológico e dilema social*” complementa, “que a formação desejada aos alunos, necessita que habilidades e competências perpassem ao domínio das tecnologias”, nesse sentido, a apropriação desse conhecimento deve ser promovida.

Nesse sentido, apropriar-se das tecnologias com lidar com as diferentes linguagens, códigos e suas tecnologias, tem sido uma busca constante nas diversas áreas, e a educação não poderia ficar devendo.

Nessa perspectiva, o Estado do Paraná, por meio da Secretaria Estadual de Educação oferece um portal aos educadores e aos servidores do Estado do Paraná para orientações, materiais, legislação, entre outras consultas que possibilitam aos servidores do estado do Paraná uma ferramenta não apenas de consulta, mas de auxílio efetivo a sua prática pedagógica, além de interações e formações. mais que um ambiente pedagógico o Portal Dia-a-dia Educação, oferece possibilidades de formação continuada, de conhecimento escolar, apresenta elementos de o que e como devem aprender os professores para que se desenvolvam profissionalmente.

Pode-se dizer que a tecnologia na área educacional revolucionou todo o contexto formal da instituição escolar. Basta analisar a modalidade educacional a distancia (EAD), por meio dessa, as barreiras formativas, tidas até então, como elemento excludente, passa a oportunizar a mudança do formato da escola, não apenas no sentido estrutural, mas, conceitual.

Sobre essa mudança, pode-se observar que as mídias promovem ao progresso de uma nação. Aproximar a educação a todos os lugares basta à conexão com a Internet, mudou a realidade de como aprender e como ensinar.

O computador é um recurso que promove a transmissão de informações e é um facilitador no processo de conhecimento.

A Internet veio somar o processo ensino-aprendizagem, fortalecendo o trabalho entre professores e alunos, pois “o ciberespaço é por excelência o meio em que os atos podem ser registrados e transformados em dados exploráveis” (LEVY, 1997, p. 63), sobre isso o processo, necessita ser revisto também pelos professores, para tanto o autor corrobora:

tanto pelo professor como pelos alunos, estejam eles próximos físicos ou virtualmente. A partir do momento em que estamos interconectados, todos os computadores não formam senão um único, que logo interligará todos os

humanos. O computador é ao mesmo tempo, máquina de ler e máquina de escrever, museu virtual planetário e biblioteca mundial, tela de todas as imagens e máquina de pintar, instrumento de música universal e câmara de eco ou de metamorfose de todos os sons. (LEVY, 1999, p.146).

O conhecimento nesse contexto passa a ser discutido, e o papel que até então era da escola, não é mais; assim, um novo paradigma surge: qual a função atual da escola e do professor?

Nessa sociedade, onde as informações são encontradas dentro de casa, o professor e a escola, passam por uma crise de identidade, aparentemente, sem utilidade, não mais como até então tem se apresentado.

Nessa demanda pode-se observar que por traz dessa evolução a escola ficou devendo. Mais ainda relacionado à formação do professor quanto ao uso das mídias em sua prática pedagógica, ao menos, da forma, como precisa ser.

Em uma sociedade considerada midiática, tudo desenvolvido muito rápido, informações instantâneas e a disposição. São alguns fatores que a escola deve se preocupar. Nesse sentido a escola tem que agir rápido em busca dessa superação que garanta a efetivação da função essencial da escola, que parece estar em crise, não respondendo mais aos anseios da atual sociedade.

A função da escola é complexa, ampla, diversificada. Tem necessidade de dedicação exclusiva por parte do professor, necessidade de acompanhar as mudanças que se processam aceleradamente no campo de trabalho, atualizando o seu currículo e sua metodologia.

Segundo Grispino, (2006):

A conclusão é de que é preciso estimular o crescimento em favor dos pobres. Sem crescimento, um país como o Brasil, não consegue suprir as necessidades de sua população e esse crescimento precisa vir acompanhado de escolarização que ressalte a qualidade. Precisa assegurar um mínimo de qualidade num setor de suma importância para o desenvolvimento social e econômico do País. Precisa assistir com afinco o nosso sistema educacional, deixar de olhar os trincos da casa e se dar conta do alicerce que pode ruir. A escola, em sua função social, tem um olhar constante voltada à sociedade, conectando seu saber com a prática cotidiana do aluno, preparando-o para o exercício profissional. A experiência de vivenciar as situações de aprendizagem ensina o convívio em grupo, indispensável para a vida e o trabalho. (Grispino, p. 3, 2006).

Observa-se que, ser professor na sociedade contemporânea marcada pelos avanços tecnológicos é aprender cotidianamente, buscando familiarizar-se com os recursos midiáticos para incorporá-las ao fazer pedagógico.

O professor tem esses dois papéis: ajudar na aprendizagem de conteúdos e ser um elo para uma compreensão maior da vida, de modo que encontremos formas de viver que nos realizem e desenvolvam nossas capacidades. Isso não depende da tecnologia, mas da atitude profunda do educador e do educando, de ambos quererem aprender. A tecnologia pode ser útil para integrar tudo que eu observo no mundo no dia-a-dia e para fazer disso objeto de reflexão. Ela me permite fazer essa ponte, trazer os conteúdos de forma mais ágil e devolvê-los de novo ao cotidiano, possibilitando a interação entre alunos, colegas e professores. (MORAN, 2000, p. 89).

Grande parte dos problemas enfrentados pela área educacional é o excesso de informações que estão sendo apresentados apenas superficialmente não sendo debatidos em estudos, ou ainda mais, aproveitados em pesquisas, portanto não proporcionam aporte teórico necessário para que os educadores internalizem esse conhecimento, muito menos aos alunos.

Para dar sustentação às contínuas evoluções, a escola precisa ressaltar um ensino que crie conexão entre o que o aluno aprende nela e o que ele faz fora dela; conexão entre o ensino formal e o mundo do trabalho, entre o conhecimento e a vida prática do aluno. Vincula a educação escolar com o mundo do trabalho.

A função social da escola é a preparação do aluno para sua emancipação, o conhecimento sistematizado produzido pela humanidade ao longo do tempo, como um direito, todo aluno deve adquirir o conhecimento científico, para que, em posse destes, possam elaborar novos conhecimentos e ter uma participação ativa na sociedade, exercendo sua cidadania com princípios éticos, visando o bem estar comum.

A escola deve transforma-se numa comunidade de vida e, a educação deve ser concebida como uma contínua reconstrução da experiência. Comunidade de vida democrática e reconstrução da experiência baseadas no diálogo, na comparação e no respeito real pelas diferenças individuais, sobre cuja aceitação pode se assentar um entendimento mútuo, o acordo e os projetos solidários. O que importa não é a uniformidade, mas o discurso. O interesse comum realmente substantivo e relevante somente é descoberto ou é criado na batalha política democrática e permanece ao mesmo tempo tão contestado como compartilhado. (BERNSTEIN, 1987, P.47).

A Educação escolar deve garantir a aquisição destes conhecimentos a todos os alunos. Para tanto os professores devem estar preparados para exercer este trabalho, em permanente busca de conhecimento, através de capacitações durante a hora atividade e em outros momentos, ter discernimento para compreender a

realidade de seus alunos, senso crítico e acima de tudo criatividade, portanto, utilizar metodologias por meio das tecnologias condiz com a realidade.

Dessa forma, Sancho (1998) contribui:

A pessoa do estudante é situada como elemento básico e fundamental das ações formadoras, antepondo-as ao grupo... É preciso, portanto, partir do respeito à diversidade. É preciso uma visão mais abrangente do assunto da diversidade que permita buscar soluções para cada problemática e respostas educacionais adequadas a cada indivíduo. (SANCHO, 1998, p. 96).

Nesse universo de inimagináveis animações, criações robóticas dentre outras variedades de objetos mais atraentes, ele é o responsável por instigar a vontade de aprender, apontando os caminhos, orientando e reorientando, criando alternativas que possibilitem uma verdadeira construção de conhecimento.

Dessa forma, ao professor, cabe procurar viabilizar, sistematizar, socializar o saber historicamente construído por homens vivendo em sociedade, de forma que chame atenção do aluno, e para isso, é preciso utilizar-se de meios mais atraentes que quadro e giz.

Apesar de saturado o assunto, a atuação do professor não pode ser diferente é por meio dele que a aprendizagem formal será mediada no processo ensino-aprendizagem, dessa maneira é preciso ter em mente que o conhecimento sistemático, estruturado, organizado só acontecerá se ele o professor, em sala de aula, colocar-se no lugar de um profissional que além de metodologias mais dinâmicas, tenha um bom planejamento, que considere o aluno em seus conhecimentos anteriores, entendendo que os mesmos ao serem construídos fazem parte de um contexto histórico, na qual tanto ele, quanto os alunos são passíveis da mesma história.

Considera-se que ao papel social de professores e professoras esperança em um futuro melhor para a educação brasileira, comunga-se com as palavras de Gadotti (1998):

Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa nova alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação. Não virá em forma de lei nem reforma. Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensados pelos educadores que se reeducam juntos. Essa reeducação dos

educadores já começou. Ela é possível e necessária. (GADOTTI, 1998, p. 90).

Entende-se nesse contexto, que ao educador cabe uma constante formação e depende de fatores que são por vezes não diretamente ligados a falta de formação dos professores, e, sim de uma lacuna nos cursos de habilitação de docentes.

No entanto, a formação de um profissional da área educacional, é uma constante busca, sem tempo de acabar, é preciso estar sempre além, pois os consumidores da educação apresentam-se conforme a sociedade apresenta.

Os conteúdos curriculares devem estabelecer a relação entre teoria e prática, através de situações próximas da realidade do aluno, permitindo que os conhecimentos adquiridos melhorem sua atuação na vida cotidiana. A metodologia aplicada deve ensinar ao aluno fazer ligações entre o que aprende em sala de aula e o que exercita na prática diária.

Para o entendimento dessa busca, basta observar as transformações e o ritmo acelerado das informações, dessa maneira, a necessidade de um trabalho reflexivo e coletivo dos profissionais da educação que expresse a preocupação e o compromisso dos educadores com o conhecimento e a qualidade de ensino.

Sobre isso, Belloni (1999) salienta que:

Um processo educativo centrado no aluno significa não apenas a introdução de novas tecnologias na sala de aula, mas principalmente uma reorganização de todo o processo de ensino de modo a promover o desenvolvimento das capacidades de autoaprendizagem. Essa verdadeira revolução implica um conhecimento seguro da clientela: suas características socioculturais, suas necessidades e expectativas com relação àquilo que a educação pode lhe oferecer (BELLONI, 1999, p. 102).

Apreender, reaprender, pensar, refletir, são alguns conceitos que essa profissão requer, ou seja, um profissional que nunca está por completo, sempre há algo a aprender e comungar, sempre algo para dialogar.

Entender que os cursos de formação de professores não habilitam os profissionais por inteiro, nesse processo do pensamento reflexivo, vale dizer que é possível perceber influência dessas, quando se analisa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação e disponibilizada no sítio do Ministério da Educação.

Recomenda-se a leitura das mesmas para melhor compreensão do que aqui é apenas sinalizado através da distribuição da carga horária obrigatório para um curso de licenciatura. Atualmente a carga horária destinada à prática aumentou para 800 horas, sendo 400 horas destinadas ao Estágio Supervisionado e 400 horas destinadas à prática como componente curricular. É o governo indicando que o curso deve desenvolver o profissional através da ação, a partir do primeiro período letivo, através de atividades que coloquem o estudante em contato com sua futura área de atuação profissional. Uma concepção de prática mais como componente curricular implica vê-la como uma dimensão do conhecimento que tanto está presente nos cursos de formação, nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio, nos momentos em que se exercita a atividade profissional. (BRASIL, 2010, p. 23).

Nesse sentido, a reflexão de buscar estabelecer ligações que dê conta das demandas contemporâneas se faz necessário, pois das mesmas dependem o progresso dessa sociedade.

A escola contextualiza o currículo, ministrando um conhecimento que faça sentido à vida do aluno. Estabelece uma relação entre o conhecimento e as ações do dia-a-dia. Em sala de aula, os alunos são caminhos a ser traçado e o professor; o agente condutor dessa ação, sempre na mira de papel auto-regulador dos mercados. Na sua função social, o professor desenvolve competências para a vida, levando o aluno a interagir com o meio em que vive.

Cabe nesse momento, a reflexão acerca da complexidade da ação educativa, dar conta de atender as demandas atuais é atender ao modelo de sociedade que emerge nesse contexto. Dessa maneira as práticas pedagógicas que atendam aos desafios expostos na atualidade, precisam contribuir de forma efetiva na formação desse cidadão que dominem as tecnologias, e não sejam dominados por elas e isso requer mudanças no setor educativo.

Adiantar-se ao presente, não mais como futuro, é ter o conhecimento e habilidades de didatizar os conteúdos escolares, e, assim, pode-se esperar que as mídias tecnológicas sejam aliadas, companheiras que podem ajudar na mediação do processo ensino aprendizagem que é o trabalho do professor.

A escola, abraçando a transformação, encara a educação como um ato social de mudança e avanço tecnológico. É fundamental a relação entre conclusão de escolaridade e inclusão no mercado de trabalho. O entorno sociocultural, quando percebido pelo aluno, o motiva para o estudo.

Nesse entendimento, todos sabem que sem a educação não terão um trabalho melhor, uma profissão. Entendem que as empresas exigem o nível médio de escolaridade para qualquer função, por mais simples que seja. Essa atualidade da educação na sociedade é uma característica não só brasileira, mas mundial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos desafios atuais é o confronto de informações que não se dá mais pela instituição escolar, e, sim, por meio das tecnologias de informações, de redes sociais, de mídias interativas e de todo aparato tecnológico que se apresenta nessa evolução científica.

Bem como observados que são extremamente importantes para evolução de todos os setores da sociedade, no entanto o que se percebeu é que na instituição escolar, não há falta dessas ferramentas, e sim, o uso intencional dos mesmos para avançar nos conhecimentos científicos dos quais é na escola que todos precisam obter.

Nessa necessidade de análise pontua-se que, para conseguir uma escola de qualidade e com alunos detentores do conhecimento, que atenda esses desafios impostos por esses avanços, o modelo atual de escola, não mais está cumprindo sua função social, salienta-se que não compete apenas aos professores a tarefa maior de orientar os alunos em seu processo de evolução, no entanto, o caminho dos saberes que perpassam pela instituição escolar torne-se aluno é função do professor.

Pontua-se ainda que o processo educacional nessa visão de formação de cidadãos responsáveis e críticos, capazes de se integrar na sociedade e defender seu espaço, vai demandar uma educação soberana que permitam aos cidadãos os domínios dessas ferramentas, no entanto, sabemos que para isso, o formato de escola e de currículo, deve ser mudado.

Sabe-se que a arte de educar exige, ao mesmo tempo, criatividade, flexibilidade, e principalmente conhecimentos.

Na teoria parece fácil, mas, na prática não é. Por isso são colocados como desafios contemporâneos. É sabido que, mesmo num processo evolutivo do sistema educacional e das tendências pedagógicas inovadoras, os profissionais da educação enfrentam situações de dificuldade quanto ao envolvimento do aluno hoje com o conteúdo proposto e necessário à sua formação tanto profissional como diária no enfrentamento da realidade tecnológica, político e social.

Com base nestas fundamentações, cabe a instituição escolar refletir e agir sobre essa nova finalidade social para que a mesma tenha a realidade não mais como futuro, mas como o momento.

Nesse sentido, entender que a escola é o espaço social privilegiado e, assim criado, visa à melhoria da sociedade, onde o aluno, hoje, não pode ser visto como elemento passivo e nem o professor como único transmissor de conhecimentos e sabedor da verdade, mas sim, como um mediador entre o processo ensino/aprendizagem que pode ser, analogicamente, colocado como aluno/conhecimento.

Dessa maneira, espera-se que as demandas atuais permitam fortalecer os vínculos entre aluno/escola, e, dessa forma, promover a superação do quadro de desvantagem em relação aos índices de escolarização, além de possibilitar a comunidade à conclusão da educação básica, assegurando dessa forma, a conclusão dessa modalidade que é indispensável para o exercício da cidadania.

Em síntese, parti-se do princípio em que o indivíduo aprende na interação com outros indivíduos, com confronto de opiniões (os iguais não se educam, não se superam e não evoluem), na troca de ideias, conceitos e teorias e que a aprendizagem resume a construção do próprio conhecimento.

Portanto, é preciso trabalhar com o que é significativo e funcional para a vida do educando e as mídias tecnológicas precisam estar no planejamento educacional não de maneira linear, mas processual e formal.

Na verdade o que se pode considerar é o desafio com o qual a educação escolar sempre teve que enfrentar, então o que resta é caminhar junto com essas demandas contemporâneas.

O propósito da instituição escolar e o de preparar e instrumentalizar o cidadão para sua atuação, apto a lidar com as possibilidades que os desafios contemporâneos apresentam.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Karine Viana. **Práticas do letramento digital e do escolar no Módulo Introdutório do curso Mídias na Educação. III Encontro Nacional sobre Hipertexto**, Belo Horizonte, MG – 29 a 31 de outubro de 2009.

BABIN, P.; KOULOUMDJIAN, M. F. **OS NOVOS MODOS DE COMPREENDER – A GERAÇÃO DO AUDIOVISUAL E DO COMPUTADOR**. SÃO PAULO: EDIÇÕES PAULINAS, 1982.

BELLONI, M. L. A. **mundialização da cultura**. Revista Sociedade e Estado, vol. IX, n.1-2, jan./dez., 2005, in VIEIRA PINTO, 1982.

BERNSTEIN, B. *Class, codes and control*. Londres: Routledge and Kehgan Paul, 1987.

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular para A Formação Pessoal e Social**. Vol. 2. Editora Parma. Brasília – DF. 2010.

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular para O Conhecimento de Mundo**. Vol. 3. Editora Parma. Brasília – DF. 1998.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 7ª ed. Tradução de Roneide Venancio Majer, São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FERNANDES, Florestan. "**Educação**: objeto sociológico e dilema social". Recife, Coleção Educadores, Editora Massangana, 2010.

FOUCAULT, Michel. A **Ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro – RJ. 1997.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**, 2.ª ed., São Paulo, Cortez. 1998

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a pedagogia Histórico-Crítica** – 3. ed – Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRISPINO, Izabel. Inteligências Múltiplas. Disponível em: http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1239:inteligencias-multiplas&catid=103:artigos-educacionais&Itemid=456.

Acesso em: 05 out. 2006.

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JACINSKI, Edson. In (JACINSKI & Faraco) **Linguagem audiovisual na informática educativa: uma análise dialógica do PROINFO**. Dissertação de mestrado. Curitiba, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, 2002.

KLEIMAN, Ângela B; MATENCIO, Maria de Lourdes M. (Orgs.) **Letramento e formação de professores: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005

LEVY, P. **O Movimento Social da Cibercultura**. In: LUNENFELD, Peter. "The medium and the message". Em *The digital dialectic: New essays on new media*. Peter Lunenfeld (ed.). Cambridge, MA: Mit Press. _____ **Cibercultura**. São Paulo: Editora Vozes. 1999

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. SP: Loyola, 1994.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo (org.). **Experiências com tecnologias de informação e comunicação em educação**. Maceió: UFAL, 2006.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Práticas de formação de professores na Educação a Distância**. Maceió: UFAL, 2008.

MORDUCHOWICZ, Roxana. *El diario en la escuela*. Barcelona: Octaedro, 2001.

MORAN, José Manuel. **Ensino aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN; José Manuel; MASSETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 14 ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001

PEREIRA, Gabriela Imbernom. **Letramento digital e professores de LE: formação para o uso de novas tecnologias em sala de aula**. Dissertação de mestrado em Linguística, São Carlos, UFSCAR, 2002.

RAMOS, S. N. **Música da televisão no cotidiano de crianças: um estudo de caso com um grupo de 9 e 10 anos**. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. In SCHLÄBITZ, N. *Der diskrete Charme der Neuen Medien: Digitale Musik im medientheoretischen Context und deren musikpädagogisch Wertung*. Augsburg: Bernd Wisner, 1996.

SANCHO, Juana M.. *Para uma tecnologia educacional*. Ed. Artmed. Porto Alegre: 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura de escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2006.

TOSCHI, Mirza. **Linguagens midiáticas em sala de Aula. Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: SEABRA, 2002.

VALENTE, José Armando. **Curso de Especialização em Desenvolvimento de Projetos Pedagógicos com o Uso das Novas Tecnologias: descrição e fundamentos**. VALENTE, José Armando. (org.). Educação a distância via internet. São Paulo: AVERCAMP, 2003.

XAVIER, Antonio, C.S. **O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese de Doutorado, Unicamp: inédito, 2004.

ZANCHETTA JR., J. **Desafio para a abordagem da imprensa na escola**. Revista Educação & Sociedade, Campinas. 2007.